

O duelo de Lula e Brizola

por José Casado
do Rio

(Continuação da 1ª página)

de Lula e Brizola irem até o fim.

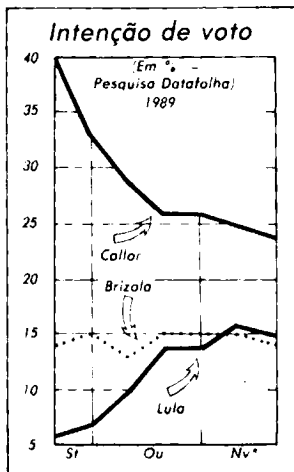
E um confronto aberto, de concepções políticas sobre o papel do Estado na economia, na saúde, na educação, no estímulo aos movimentos sociais organizados.

E, também, o conflito de forças ascendentes na cena nacional, que pretendem estruturar-se como partidos em todos os estados. Por fim, é um duelo de estilos, de forma de fazer política no Brasil deste fim do século.

"Ele é muito personalista", critica Lula. "Ele é um operário de carne e osso que foi encontrado por meia dúzia de intelectuais pequeno-burgueses que imaginam poder conduzir o povo", devolve Brizola.

São muito diferentes, embora a muitos sejam parecidos. "Nossas divergências estão, na essência, sobre como entendemos que este País deva ser governado", explica Brizola.

Lula é incisivo: "Eu, por exemplo, não sou contra o Estado dar educação e sopa para as crianças nas escolas, mas sou a favor de um projeto de sociedade que pague um salário decente ao pai de família para que ele não precise mendigar do Estado comida para os seus filhos".



* Última dada publicada em 08.11.89

** Cadeia com a intenção de candidatar-se como na cadeia oficial

"Eu não entendo" — rebate Brizola — "como é que ele pode ser contra esse projeto de educação integrada, que é a base dos Cieps que construímos. O povo precisa saber quem votar no Lula estará votando contra os Cieps".

Brizola, nesta reta final, tem tido o cuidado de se apresentar em público com um discurso bem menos radical que Lula. Este optou por caminhar em sentido oposto.

"Muita gente, quando vê o Lula no palanque, acha que a revolução socialista começou no Brasil", observava um velho militante comunista, João Amazonas, líder do PC do B, que se

aliou ao Partido dos Trabalhadores. "Não é isso. Se ele ganhar, é claro, será um passo significativo, importante mesmo, mas apenas um passo na direção do socialismo."

"Na verdade, a eleição de qualquer candidato da esquerda representaria um avanço enorme", complementa Roberto Freire, candidato do Partido Comunista Brasileiro, histórico adversário do PC do B.

Freire, que as pesquisas indicam ter 1% das intenções de voto, é um caso à parte na constelação da esquerda, nesta eleição: seu desempenho contribuiu, de forma decisiva, para romper com o preconceito do eleitorado em relação aos comunistas. E obrigou o velho "partidão" a rever sua estratégia de atuação, a partir desta campanha eleitoral.

Entre os comunistas produz-se, no momento, uma das mais profundas discussões. O PCB, por exemplo, defende a tese de que o primeiro turno eleitoral marca a etapa do voto partidário, qualitativo.

O PC do B discorda frontalmente: "Isso não é correto. E se o Lula perder para o Brizola por uma diferença de 300 mil votos? Ora, nessa hora o Freire não pode ter dúvidas: o Lula é a esquerda, o Brizola tem apenas uma tintura" — contrapõe Amazonas.

Essa briga dá a dimensão da disputa entre os lide-

res dos dois maiores partidos. O duelo, na realidade, ficou ainda mais imprevisível depois da confusão gerada com a candidatura, por quinze dias, de Senhor Abravanel/Silvio Santos, empresário e animador de auditórios.

Ao entrar no páreo, ele extraiu votos sobretudo do candidato do PRN, Fernando Collor. Mas, conforme indicam as pesquisas, também ficou com uma parcela muito pequena dos eleitores definidos entre Brizola e Lula.

A dúvida, agora, entre os candidatos, é para onde tendem a caminhar esses eleitores. Collor, Brizola e Lula estão pondo seus militantes nas ruas, a partir desta segunda-feira, na esperança de conquistá-los até a "boca de urna".

Os dois candidatos da esquerda, especialmente, apostam na catalisação do sentimento de rebeldia que estaria dominando esse eleitorado, cujo perfil é o da pobreza, ignorância e plena marginalização da sociedade de consumo.

Lula e Brizola duelam, na quarta-feira, sobre os votos dessas pessoas. Por caminhos diferentes, tentam consolidar a esquerda como uma alternativa eleitoral concreta e viável para o controle do poder político no País.

"Estamos retomando o fio da história", acha Brizola. Nesse aspecto, Lula não discorda.